



Agência CNTS

Saúde em Pauta

Agosto de 2019

Socorro! Estão matando nossas mulheres!

“**M**ulher morre queimada com ácido pelo ex-marido”. “Mulher morre estrangulada pelo namorado”. “Homem mata esposa na frente dos filhos”. “Mulher grávida de três meses é morta pelo ex-marido”. As manchetes no noticiário sobre violência contra as brasileiras ilustram quadro epidêmico do assassinato sistemático de mulheres no país, em claro contexto de desigualdade de gênero. Levantamento aponta que 107 casos de feminicídio foram registrados nas primeiras três semanas do mês de janeiro de 2019.

O estudo feito pelo professor Jefferson Nascimento, doutor em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo - USP, com base no noticiário nacional, revelou que ocorreram 344 casos de feminicídio de janeiro a março deste ano. A média é de 5,31 casos por dia, ou um caso a cada quatro horas e 31 minutos nos primeiros 64 dias do ano.

Outro dado alarmante: o Mapa da Violência de 2015, publicado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - Flacso, revela que cerca de 13 mulheres são assassi-



nadas por dia no Brasil. Segundo o estudo, 50,3% das mortes violentas são cometidas por familiares e 33,2% por parceiros ou ex-companheiros.

Desde 2015, o feminicídio, assassinato de mulheres em decorrência de questões de gênero, é tipificado como crime hediondo no país, com penas que variam de 12 a 30 anos de prisão. Também do ponto de vista legal, a Lei Maria da Penha, promulgada em 2006, é considerada marco importante no enfrentamento da violência contra a mulher. Mesmo com esse quadro normativo mais favorável, as estatísticas continuam deixando o

Brasil entre os países mais violentos para as mulheres no mundo.

A explicação para essa violência estrutural está na formação social do país, na discriminação estrutural e na desigualdade de poder, que inferioriza e subordina as mulheres aos homens. A CNTS entende que não basta criar apenas leis, faltam métodos que garantam a aplicação de medidas protetivas. É preciso também medidas a longo prazo, que ajudem a transformar a cultura de violência contra a mulher ainda existente no país e no mundo. A mudança precisa acontecer desde a formação, nas escolas.

Da mesma forma, é necessária desde já campanha maciça com a participação da sociedade, do governo, do parlamento e do Judiciário para eliminação da violência contra as mulheres, com ações de prevenção, atenção e sanção penal. As mulheres não querem flores no dia 8 de março, elas querem respeito, querem parar de ter medo, querem se sentir seguras nos seus relacionamentos ou andando nas ruas.

Elas querem continuar vivas!



Rovena Rosa/Agência Brasil